

rtro



ÍNDICE

3 Editorial

4 Superabundância: a supremacia da oferta

14 Focus on Designers: Alexander Wang

18 Jovens na Moda

24 Fashion Everywhere

30 Moda ao som da Música

34 Penteados: Verão 2010

38 Maquilhagem: ideias para o Verão

42 A mini-saia: uma história

44 O bikini perfeito

50 Crítica do filme: "The dresscode of notebook"

60 The Bloody Beetroots : Caos com raízes, arte sem limites

68 Ondas de imaginação

74 Botões em casa de flor

82 Driving through summer!

EDITORIAL



Apesar de parecer que a Rtro ia acabar, a revista continua ainda mais forte. A edição de Agosto é, na minha opinião, a edição em que mais ajudas tivemos. Ainda nos faltam patrocínios, mas o facto de apenas estudantes que gostam de moda estarem a lutar para ver cada edição online a cada mês é muito gratificante. Não temos um tema específico nesta edição,

mas o Verão tórrido faz-nos pensar em calor e roupas como o bikini e mini saias, que são as únicas que apetece usar. Não nos esqueçamos também da música, à qual foi dada dupla importância esta edição, sempre em estreita ligação com a moda, claro. Até conselhos sobre maquilhagem juntamos desta vez, para nenhum pormenor ficar de fora.

Apesar de não saber se ficarei mais um mês como editora chefe (o mundo dá muitas voltas), considero esta Rtro de Agosto como a derradeira despedida. Acho que em nome de todos os colaboradores posso agradecer acima de tudo a Gustavo Stevanato por ter tido esta fantástica ideia, e, quem sabe, pode ser que seja a Rtro que nos dê o empurrão para termos todos emprego no mundo da moda no futuro!

Se quiseres colaborar com a Rtro manda um email para rtro.magazine@ymail.com.

CATARINA OLIVEIRA


Superabundância

A SUPREMACIA DA OFERTA

por **Margarida Cunha**


Fotografia: **Catarina Oliveira**

Modelo: **Joana Santos de Oliveira**

A woman with long dark hair, wearing a blue and white patterned dress with a black belt, is looking down in a garden. Her hand is near her face. The background is a lush green garden with sunlight filtering through the leaves.

Os meus olhos vêm flashes por todo o lado. A música que pretende incentivar-me a comprar está a deixar-me nauseada com os ecos do “pum pum pum”. Onde via sapatos, já só vejo formas distorcidas, salpicos de cores aqui e ali, contrastes de luz que não sei mais de onde vêm. Tenho de sair daqui.

Já fora da loja, dirijo-me a um banco. Sento-me, respiro fundo, absorvo o ambiente para tentar voltar à realidade. O que se passou há minutos foi bastante óbvio para mim: uma overdose. Podia ter sido de cocaína, heroína ou qualquer outra droga da minha eleição mas não foi. Tive uma overdose de sapatos. Nunca tinha visto tantos pares num sítio só e vi-me

A blurry background of a garden with green stems and leaves, creating a bokeh effect.

perdida naquele universo de cores, feitios, cunhas e saltos. Os meus olhos, super-estimulados pelo excesso de pormenores, deram logo sinal de derrota e foram os primeiros a sucumbir. Olhei para imensos sapatos mas não vi realmente nenhuns. Chegada a casa, atiro-me ao computador, em busca de informação sobre o que se terá passado comigo. Só tenho de optar por entre as 376 453 entradas que o servidor de pesquisa me propõe. Desisto. Se tivesse lido nem que fosse 10 entrava em overdose cerebral.

Vivemos numa era de superabundância. O Free Dictionary descreve o fenómeno como algo em quantidade superior ao apropriado. Todas as outras definições remetem para aquilo que é excessivo, desproporcional. É a verdadeira supremacia da oferta, a vitória definitiva do capitalismo. Os supermercados estão cheios, as prateleiras transbordam, os corredores são de perder de vista. A comida parece nunca acabar, a música nunca pára de tocar, a informação nunca foi tanta. Ligo a TV. Passados 5 minutos, desliguei-a. Foi o tempo que bastou para percorrer todos os canais e perceber que não queria ver TV.



Desisti de acompanhar a cultura pop musical. De cada vez que apanho uma música de que gosto e vou à procura de informação sobre o artista, descubro que ele morreu, a banda separou-se e a editora extinguiu-se. Entretanto, o vocalista não morreu mesmo. Cortou o cabelo, pintou-o de azul e formou uma nova banda, mas desta vez de trip hop. Mais 6 meses, e lança-se a solo numa carreira de fado, ou em dueto, nas pistas do Pacha. Enquanto isto, já surgiram mais 4 loiras pop. O reino já não se disputa apenas entre Britney, Christina e Madonna. Chegam mais umas tantas, vindas da Disney, mais umas poucas do YouTube.

Farta de ouvir música sozinha, aventuro-me na procura de um parceiro. Sento-me na esplanada do café, a ver se algum old school me vem meter conversa sobre o tempo. Não há vestígios de vida masculina na esplanada. Está tudo lá dentro, para apanhar wireless. Tento concentrar-me para ouvir o barulho dos diálogos, dos berros de umas mesas para as outras. Nada. Só oiço teclas.

A abundância surge aos nossos olhos como uma vitória arrancada à História, depois de séculos de privações materiais, morais e políticas. Consagra o nosso direito a uma vida condigna, satisfatória e feliz. Simboliza o sucesso, atrai “amigos” e produz em nós um efeito de conforto. E vicia. Quanto mais tenho, mais quero ter – quanto mais não seja, porque posso. Será culpa da Publicidade? Ou da Biologia, que me programou assim, de



«QUANTO MAIS TENHO, MAIS QUERO
TER – QUANTO MAIS NÃO
SEJA, PORQUE POSSO.»



modo a que a ambição me levasse para lá dos meus limites? Nem tudo é cor-de-rosa na utopia da escolha. O excesso de opções traz alguma amargura. Sem raízes bem estabelecidas nem classes sociais – desfeitas pelas revoluções históricas – que orientem as nossas preferências, o nosso sentido de “gosto”, do “belo” ou do “bom” perde-se por entre caminhos que ainda não percorreu e acaba talhado por experiências que escolhemos sem escolher. Na iminência de uma overdose de informação, produtos, imagens ou pessoas, entra em cena o desespero, tomando ele o



nosso lugar e ditando, assim, a última palavra. E todos sabemos o péssimo gosto que ele tem. Desde pequenos que nos dizem que “tudo o que é de mais, é erro”. Por outro lado, “o fruto proibido é o mais apetecido”. O meio-termo não pode ser predefinido porque o meio-termo de uns é a privação de outros; e a privação de alguns é o excesso de outros tantos. A superabundância chegou aos meus pensamentos. Preciso de fugir. Quero a minha sweet escape. Há alguns anos, escapar teria sido ouvir música, ler ou perder-me num quadro qualquer que me transportasse para longe. Farta de tudo isso, hoje escapar significa fechar os olhos, procurar o silêncio e refugiar-me em algo que não esteja cheio senão de vazios. Atordoada pela saturação de sapatos, ainda me encontro no banco de jardim, tentando voltar a mim própria. Para orientar a minha compra, tento recordar-me dos que tinha eleito como favoritos, quando estava no processo de selecção na loja. Eram tantos que não consigo lembrar-me. Tenho mesmo de voltar a entrar. Desta vez, vou prevenida. Assim que as prateleiras me parecem demasiadas, fecho os olhos. Quando a música me parece irritante, entoo mentalmente uma canção qualquer. O contraste das luzes é agora mais tolerável. Sinto a euforia a apoderar-se. Venham os sapatos. <<

ALEXANDER *Wang*

Focus on Designers

por Catarina Oliveira

Alexander Wang,
Outono/Inverno 2010-2011

Alexander Wang nasceu em 1984 e apenas com 26 anos é já um dos maiores nomes do mundo da moda. O seu estilo é designado como jovem e arrojado, com traços masculinos, apesar da linha T by Alexander Wang ser bastante simples, baseada em algodão fino na concepção de vestidos e t-shirts com cores básicas, como o cinzento e preto. Original de Taiwan, Wang estudou na Parsons The New School of Design em Nova Iorque e lançou a sua primeira colecção feminina em 2007.

As suas colecções focam-se muito na cor preta, mas o show de Primavera Verão 2010 apresentou castanhos e laranjas, alegando uniformes de futebol americano e também padrão leopardo, o que demonstra a versatilidade do jovem designer. As suas linhas têm uma predominância urbana, como se



Alexander Wang,
Outono/Inverno 2010-2011

pode ver nas imagens, mas com um cunho sexy e isso atrai as clientes mais jovens. Apesar das suas origens asiáticas, Alexander Wang demonstra que é um verdadeiro americano, como o fez na colecção quase desportiva de Primavera/Verão 2010. Wang tem já peças icónicas como um vestido transparente preto, uma mala de pele, e botins abertos à frente, com cordões, que os fãs mais atentos rapidamente conseguem visualizar. Com roupas acessíveis e muito práticas, Wang é já considerado o “Master of the T-shirt”. No entanto a colecção Outono Inverno 2010/2011 apresenta uma variada série de veludos e alguns rosa, que Alexander diz ser mais sofisticada, mas não adequada à típica executiva, quebrando assim regras e primando pela originalidade. Wang afirma que jeans e t-shirt podem ser tão sexy como um vestido, e as suas colecções convencem-nos exactamente disso. «

Alexander Wang,
Primavera/Verão 2010



“ANYONE CAN GET ALL DRESSED UP AND
GLAMOROUS, BUT IT IS HOW PEOPLE DRESS
IN THERE OFF DAYS, THAT IS
THE MOST INTRIGUING”

Jovens NA MODA

ELES FAZEM SUCESSO NA INTERNET DEVIDO AO SEU ESTILO E TRABALHO. EM COMUM TÊM O GOSTO PELA MODA E O SEREM NATURAIS DOS AÇORES. A RTRO FOI ENTREVISTÁ-LOS E SABER MAIS SOBRE ELES.

por Adriana Couto

PERFIL

Nome: Rita Caetano

Idade: 18

Cidade natal: Ponta Delgada, São Miguel

Cidade actual: Lisboa muito brevemente

Profissão: Estudante

Interesses: representação, cinema, bijutaria, costura e cães

Rita consideras o teu estilo único?

Rita Caetano (RC): Não. A meu ver, nada é único nos tempos que correm. É um estilo próprio pois não sigo nenhum estereótipo. Limito-me a seguir os meus gostos. No entanto, há pessoas com gostos semelhantes aos meus, logo, não o considero único.

Quando decidiste começar a cuidar mais dele?

RC: Aos 14 anos vestia-me totalmente de preto. Aos 15, senti que aquele não era o meu estilo e que nada tinha a ver com a minha personalidade. Foi então que mudei drasticamente, apostando num estilo colorido e "infantil". Com o passar do tempo fui modificando-o, nunca deixando de apostar nas cores.

Gostas de sentir que és apreciada muito devido ao teu estilo?

RC: Sim. Apesar de ignorar o que acham em relação àquilo que uso, é sempre bom ouvir um elogio. Ganhamos sempre mais confiança!

Acham que são muito observados e comentados na rua devido ao vosso estilo?

RC: Sim, com frequência. Apesar de já não comentarem muito...

Emanuel Oliveira (EO): Sim, acontece regularmente.



Emanuel, quando saíste dos Açores notaste uma grande diferença no estilo/mentalidade das pessoas?

EO: Sim. Lisboa é muito evoluída, não só a cidade mas também a mentalidade das pessoas o é.

Rita, para além dos teus trabalhos como modelo fotográfico também és muito conhecida pelo público devido aos acessórios que crias. Quando os começaste a fazer e a comercializar?

RC: Comecei por criar alguma bijutaria aos catorze anos. Tudo começou por uma simples curiosidade e aos quinze decidi levar isso mais a sério. Foi aí que me incentivaram para que continuasse a criar bijutaria. Aos dezasseis decidi colocar alguma das minhas criações para venda. Foi a melhor forma para conseguir saber a opinião dos outros em relação ao meu pequeno trabalho e, também, para ganhar o meu próprio dinheiro.

Emanuel, como é sentir que as pessoas gostam do teu trabalho como fotógrafo?

EO: É ótimo. Incentiva-me ver que as pessoas dão valor ao que faço e só me dão ainda mais vontade de continuar a trabalhar e a evoluir mais de dia para dia.

Consideram bom ser-se reconhecido pelo público?

RC: É ótimo. Acho que se não tivesse pessoas a apoiar e a elogiar o meu trabalho como modelo, eu não evoluía ou até mesmo desistiria.

EO: Adoro quando me reconhecem na rua pois sinto que apreciam o meu trabalho e sinto que de certa forma é importante.

PERFIL

Nome: Emanuel Oliveira

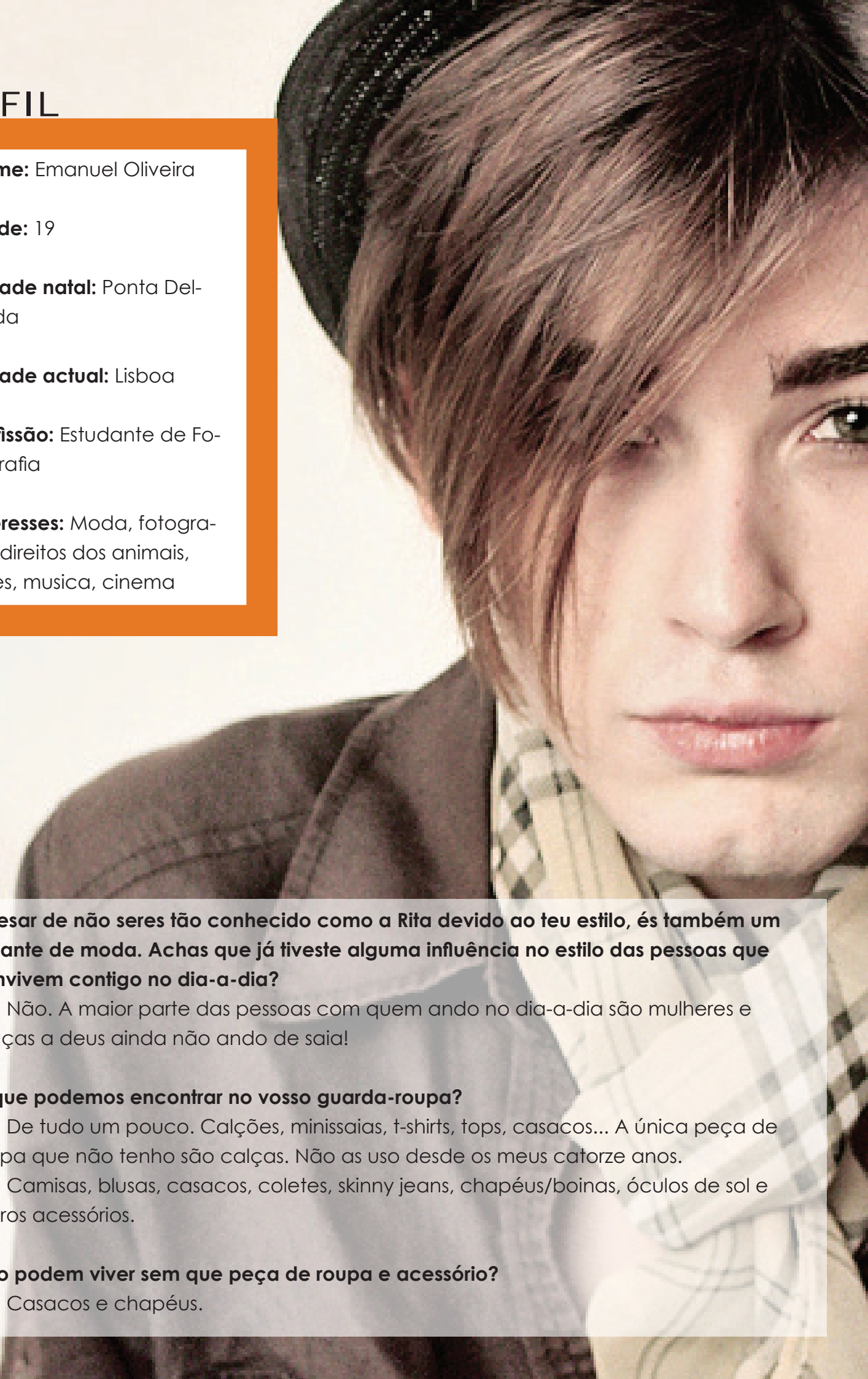
Idade: 19

Cidade natal: Ponta Delgada

Cidade actual: Lisboa

Profissão: Estudante de Fotografia

Interesses: Moda, fotografia, direitos dos animais, artes, musica, cinema



Apesar de não seres tão conhecido como a Rita devido ao teu estilo, és também um amante de moda. Achas que já tiveste alguma influência no estilo das pessoas que convivem contigo no dia-a-dia?

EO: Não. A maior parte das pessoas com quem ando no dia-a-dia são mulheres e graças a deus ainda não ando de saia!

O que podemos encontrar no vosso guarda-roupa?

RC: De tudo um pouco. Calções, minissaias, t-shirts, tops, casacos... A única peça de roupa que não tenho são calças. Não as uso desde os meus catorze anos.

EO: Camisas, blusas, casacos, coletes, skinny jeans, chapéus/boinas, óculos de sol e outros acessórios.

Não podem viver sem que peça de roupa e acessório?

EO: Casacos e chapéus.



RC: Não vivo sem calções e sem usar, pelo menos, um colar.

Gostavam de que o vosso futuro passasse pelo mundo da moda?

RC: Não é o que mais desejo para o meu futuro, mas gostava. Trabalhar como modelo fotográfico é algo que gosto desde há muito tempo. Mas também gostava de poder maquilhar modelos e quem sabe, criar algumas roupas.

EO: É o meu maior sonho e se no futuro não trabalhar no mundo da moda não sei o que vou fazer pois sinto que nasci para trabalhar nesta indústria!

Só por curiosidade, Emanuel, qual o teu estilista de eleição?

EO: Christopher Bailey, John Galliano, Christian Lacroix, Marc Jacobs e Alber Elbaz.

E que modelos gostarias de fotografar?

EO: Maria Carla Boscono, Coco Rocha, Karlie Kloss... etc.

E trabalhar para que revista?

EO: Vogue! «

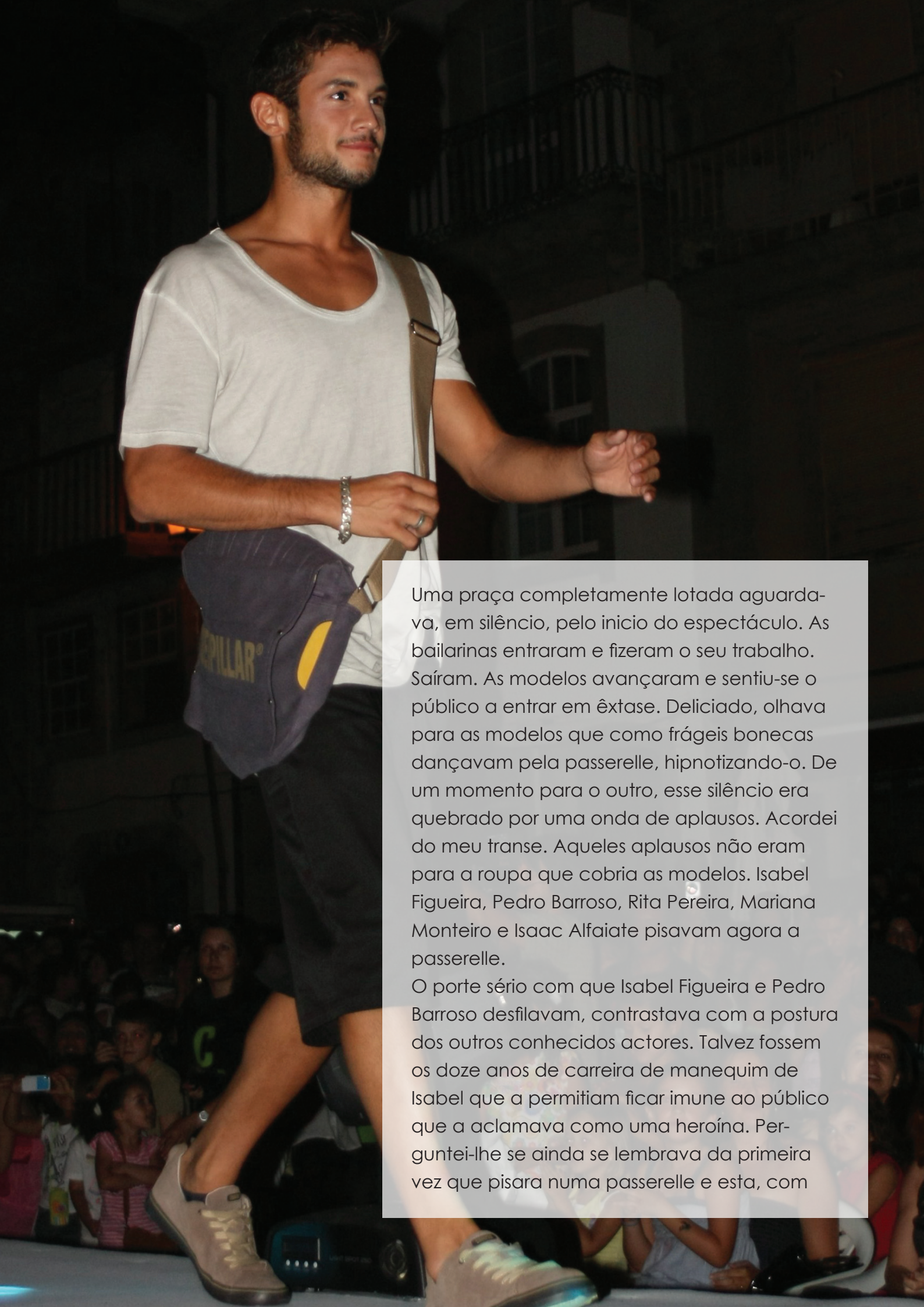


A woman with long dark hair and sunglasses is walking on a runway at night. She is wearing a black dress with a white floral pattern. The background shows a building with lit windows and a street lamp. The scene is illuminated by stage lights.

fashion

EVERYWHERE

por Adriana Couto

A man with a beard and short dark hair is walking on a runway at night. He is wearing a white t-shirt and a purple bag with a yellow logo. He is looking towards the camera. The background shows a crowd of people watching the show.

Uma praça completamente lotada aguardava, em silêncio, pelo início do espectáculo. As bailarinas entraram e fizeram o seu trabalho. Saíram. As modelos avançaram e sentiu-se o público a entrar em êxtase. Deliciado, olhava para as modelos que como frágeis bonecas dançavam pela passerelle, hipnotizando-o. De um momento para o outro, esse silêncio era quebrado por uma onda de aplausos. Acordei do meu transe. Aqueles aplausos não eram para a roupa que cobria as modelos. Isabel Figueira, Pedro Barroso, Rita Pereira, Mariana Monteiro e Isaac Alfaite pisavam agora a passerelle.

O porte sério com que Isabel Figueira e Pedro Barroso desfilavam, contrastava com a postura dos outros conhecidos actores. Talvez fossem os doze anos de carreira de manequim de Isabel que a permitiam ficar imune ao público que a aclamava como uma heroína. Perguntei-lhe se ainda se lembrava da primeira vez que pisara numa passerelle e esta, com



um sorriso, fez sinal que sim. «Tinha dezasseite anos.» Distraída, olhei para o lado e vi os jovens manequins que desfilavam a roupa de criança. Pareciam não estar minimamente nervosos. Quase sem me aperceber, perguntei-lhe qual tinha sido a sensação. «Muitos nervos. Ainda hoje, passados doze anos, sinto um nervoso miudinho e acredito que enquanto o sentir, valerá a pena trabalhar.»

Ao lado, Pedro Barroso, o jovem actor conhecido pelo seu papel na famosa série “Morangos com Açúcar”, estava rodeado de jovens e graúdos que lhe pediam autógrafos e se esforçavam por uma foto ao seu lado. Questionei-o se achava que os seus trabalhos na área da televisão interferiam com os da moda. «Não. Considero isto como algum complemento de um trabalho que possa ter. Apenas trabalho (na moda) aos fins-de-semana e durante o resto da semana estou em gravações. Não acho que isso interfira em alguma coisa.» Quanto à Isabel Figueira, conhecida não só pela sua carreira na moda mas também na televisão, onde também re-presenta em anúncios bastantes marcas, a opinião é semelhante. «Acima de tudo, em primeiro sou modelo, depois apresentadora e, só agora, actriz. Considero que tudo aquilo que tenho hoje o consegui graças à minha carreira de manequim e tenho imenso prazer quando me lembro de todas as campanhas que já fiz para marcas conhecidas.»

Durante todo o desfile, os aplausos continuaram a ser ouvidos sempre que algum rosto conhecido do público entrava.





Fiquei pensativa em relação a estes aplausos. Como seria senti-los enquanto desfilávamos? «É sempre bom e é estranhamente caloroso.» Dizia o Pedro. A Isabel tinha a mesma opinião. «Normalmente estou habituada a fazer desfiles em que não somos muito aplaudidas porque as pessoas estão lá para ver a roupa. Não me importo quando não tenho aplausos mas, quando os tenho, sinto necessidade de sorrir porque se trata do carinho das pessoas. Mas na moda, temos regras rígidas e não o podemos fazer na passerelle. Nós estamos ali para passar a roupa e é a roupa que tem que brilhar, não nós.»

Ao longo de duas horas de espectáculo, o público não saiu do seu lugar. Continuaram fascinados a olhar e a vibrar com o que se passava em cima do pequeno palco em forma de “L”. O desfile de moda em pequenas cidades como aquela não era algo muito comum. Eram raros e talvez isso explicasse a enchente daquela noite. Pedro Barroso não acreditava nisso. «A moda acontece sempre, quer estejamos cá ou não.»

O desfile terminou e nos bastidores os modelos arrumavam as suas



coisas para partir. Tinham que estar em Lisboa ao início da manhã, mais trabalho os esperava. Era algo de bom que a moda tinha. Levava-os a locais onde sem ela, provavelmente, nunca iriam. «A televisão também tem isso e dá-me uma maior possibilidade de conhecer melhor o local. Com a moda é sempre algo rápido de mais. Acabo por não conhecer, acabo por não passear, porque chego aqui, faço o meu trabalho e vou-me embora.», desabafava Pedro.

A praça aos poucos ficou vazia. O Staff arrumou o material e os modelos partiram. Quase num gesto de despedida, ouvi outra modelo dizer: «Para o ano há mais.»



MODA ao som da música

por Catarina Ferreira
<http://fashionablylate.blogspot.com>



Com a chegada dos meses mais quentes do ano, o pensamento é geral: calor, praia e férias. No entanto, há um outro elemento bastante marcante e, por vezes, esquecido: os festivais de verão.

Todos os anos, milhares de pessoas aguardam ansiosamente a divulgação dos cartazes dos mais variados festivais que preenchem o verão de música, no entanto, o foco já não ilumina somente as bandas que irão actuar, mas também as celebridades que lá irão estar presentes e, principalmente, aquilo que trazem vestido.

É já do conhecimento geral que a moda e a arte andam de mão dada e o mesmo se pode dizer relativamente à moda e música. Os festivais de Glastonbury na Inglaterra e de Coachella nos Estados Unidos são dos mais falados e é aqui que podemos ver modelos, designers e it girls todos reunidos por uma só causa.

Com o começo destes festivais, os blogs e revistas dedicados à moda enchem-

se de imagens de Kate Moss, Alexa Chung, Agyness Deyn, entre outros e é aqui que começa a análise à sua indumentária. Contudo, esta análise não se fica pelas pessoas famosas que por lá passam, dado que se dá também importância aos outfits dos anónimos que se juntam para ouvir as suas bandas favoritas.

De todas as celebridades que frequentam estes festivais é, sem dúvida, Kate Moss a principal musa deste culto que é o festival style, pois é a ela que a maioria vai buscar a inspiração para se vestir para um festival. Todos os anos o cenário é quase idêntico, o estilo rock chick predomina em Glastonbury, acompanhado pelas necessárias galochas e o impermeável, e o hippy chic em Coachella, frequentado pelas estrelas mais brilhantes de Hollywood e sempre com um calor abrasador a envolvê-lo. Com isto em mente, a H&M criou uma colecção dedicada aos festivais de verão em colaboração com a sua campanha Fashion Against Aids na qual 25% das suas vendas se destinam a projectos de prevenção de HIV/Sida junto dos jovens. A colecção junta as tendências mais actuais (franjas e calções de ganga cutoff) com peças mais clássicas como, por exemplo, casacos de cabedal e maxi dresses. Esta colecção não se limita apenas a peças de roupa, nela podemos também encontrar acessórios, calçado, tendas e sacos cama, ou seja, tudo aquilo de que necessitamos para acampar e usufruir



H&M Fashion Against AIDS



Kate Bosworth no Festival Coachella

dos festivais com estilo. A criação desta colecção e o destaque que os festivais têm tido nestes últimos anos, são a prova de que estes já não são apenas locais onde podemos ver e ouvir as melhores bandas, mas também, locais onde podemos apreciar a moda num dos seus estados mais creativos, não só através dos modelos que passeiam pelos recintos, mas também pelos amantes de música que rumam aos míticos Glastonbury e Coachella com o intuito de se divertirem e, quem sabe, virem a ser fotografados por uma revista ou blogue. «



PENTEADOS

verão 2010

por Joana Santos de
Oliveira

Ao longo da história, o cabelo da mulher tem vindo sempre a ser considerado um importante complemento de beleza e um adorno ao rosto. A pressão para ter um penteado adaptado às tendências da moda foi e é bastante eminente - especialmente entre as mulheres, cujos cabelos são símbolo de sedução. Na verdade, seja qual for o corte ou penteado feminino, todas nós adaptamos o nosso cabelo à uma determinada personalidade, a um certo estilo de vida e fazemos dele um elemento indispensável a uma elevada auto-estima.

As populares ondas dos filmes dos anos 40 nunca estiveram tão em alta e são ideais para quem tem cabelo de tamanho médio, seja ele loiro ou moreno. É um look sofisticado que remete ao glamour de Hollywood e fica bem em qualquer rosto.

A tendência para este Verão passa também pelo clássico cabelo apanhado. Contudo, no típico ambiente de sol e calor, nada melhor do que fazê-lo de maneira descontraída deixando-o levemente despenteado.

«E PARA PERSONALIZAR UM POUCO, PORQUE
NÃO COLOCAR UMA FITA, UMA BANDOLETE
OU UM LENÇO ENTRELAÇADO?»



Lily Donaldson nos bastidores do
desfile Primavera/Verão 2010
Versace



Liu Wen para o desfile
Primavera/Verão 2010 Chanel

Este visual dá ênfase aos contornos do rosto e confere uma aparência elegante e moderna. E para personalizar um pouco, porque não colocar uma fita, uma bandolete ou um lenço entrelaçado?

Mas o cabelo trabalhado em tranças é o grande destaque da temporada devendo a sua popularidade ao estilo bastante romântico que o caracteriza. Este penteado primaveril é ideal para cabelos compridos e para quem gosta de fugir um pouco ao comum do dia-a-dia.

Destaque também para a forte tendência em enrolar o cabelo no topo da cabeça. Este penteado é feito com um desleixo propositado e pode ser usado tanto em cabelos longos como médios.

Apesar de, por vezes, o próprio calor de Verão assim o exigir, não deixemos que os cabelos apanhados fiquem com todo o protagonismo. A praia, a cidade e a pele bronzeada pedem cabelos soltos e ondulados sobre as costas, com um aspecto natural e



Eniko Mihalik para o desfile
Primavera/Verão 2010 Chanel



Lindsay Ellingson para o
desfile Primavera/Verão 2010
Giorgio Armani

saudável. A tendência para o visual é usá-lo com risco ao meio, tornando o look apenas mais sexy e exótico.

Se ter um cabelo simplesmente solto e caído que irradia luz de uma cor bem tratada não é suficiente, a proposta para o Verão é a franja. Adapta-se bem a determinados rostos e é capaz de fazer toda a diferença no visual. Nos cabelos compridos, a franja deve estar esticada e tapar toda a testa, enquanto que nos mais curtos, deve ser ligeiramente desviada para um dos lados.

Este Verão, a moda no que toca a cabelos femininos dita que devem ser de cor clara com tonalidades douradas e irradiantes. Contudo, o mesmo brilho pode estar presente nos de cor castanha, desde que não seja monótono e varie em diversos tons do mesmo. Em suma, os looks que acompanham estes cortes e penteados remetem para o romance e sensualidade. «



Caroline Trentini para o desfile
Primavera/Verão 2010 Oscar de
la Renta

MAQUILHAGEM

Ideias para o Verão

por **Catarina Ferreira**

<http://fashionablylate.blogspot.com>

Verão é tempo de calor. Calor que dá vontade de passar o dia dentro de água, calor que tira a vontade de nos maquilharmos e andarmos au naturel. No entanto, durante o verão, há sempre festas e saídas que requerem um pouco de cor e compustura. Mas como havemos de fazer para não acabarmos a noite com a maquilhagem a escorrer pelo rosto? Felizmente existem marcas que pensar-

am nesses dilemas e que nos oferecem bases, sombras e rímeis que perduram e resistem à humidade dos dias mais quentes.

A nível de bases a Natural Finish Long Lasting Foundation de Bobbi Brown tem SPF 15 e é uma ótima escolha para quem precisa de uma cobertura perfeita com aspecto natural. Existe também uma outra opção para quem goste de dar um descanso à pele mas

A colecção Rouge Coco de Chanel adequa-se perfeitamente ao Verão



Scarlett Johansson



Nicole Richie

«PARA OS OLHOS, CORES CLARAS COMO LAVANDA, PÊSSEGO E VERDE.»

que queira esconder as pequenas imperfeições que todas temos: creme hidratante com cor da Nívea, que funciona como uma base mas não tem a textura pesada que esta última por vezes tem.

Para os olhos, tudo o que for à prova de água é, sem dúvida, a melhor opção. Marcas como Maybelline, L'Oréal e Lancôme têm rímeis à prova de água que duram mais tempo do que os rímeis normais e que não escorrem pelo rosto. «

QUE CORES ESCOLHER

As cores chave para este verão variam de acordo com a zona que se quer maquilhar. Para os olhos, cores suaves como lavanda (L'Oréal Colour Appeal Chrome Intensity Eyeshadow em Purple Obsession), pêssago (Bobbi Brown Shimmer Wash Eyeshadow em Petal) e verde (Estée Lauder Pure Colour Mono Eyeshadow em Aquamarine Metallic) são predominantes. Nos lábios reinam as cores fortes como o rosa e também a grande tendência deste ano, o laranja.

Como sempre, a regra mantém-se, cor nos olhos implica lábios naturais e com lábios fortes os olhos passam para segundo plano.

a mini-saia

UMA HISTÓRIA

por Mariana Sousa Santos

Uma vez que é verão vamos falar de mini-saias!

O facto mais significativo na história da mini-saia foi o seu salto para as passareles graças à estilista Mary Quant, isto na década de 60.

Porém, tal facto não é certo. Nos anos 30, por exemplo, já algumas flappers usavam mini-saias sem que estas tivessem qualquer categorização específica em relação às outras saias.

Mary Quant institui o uso das mini-saias com botas de cano alto realçando desta forma o tamanho das pernas da mulher. Embora alguns digam que a mini-saia favorece as mulheres mais altas, a verdade é que a figura de Betty Boop prova o contrário.

A mini-saia sempre levantou alguma polémica, na altura da sua massificação. Nos 60's mais uma vez, as pessoas viravam a cabeça na rua para olhar para as mulheres que ousavam vesti-las. As túnicas ou mini-vestidos eram também muito frequentes.

Twiggy foi uma das top-models dessa era que mais a divulgaram, combinando a mini-saia com o look andrógono no Reino Unido, enquanto Edie Sedgwick o fazia nos Estados Unidos.

Com o passar dos anos tornou-se uma peça de vestuário banal, estando na moda em alguns anos enquanto noutros nem por isso.

Na sua forma original a mini-saia era estreita, às vezes de tecido elástico,

Twiggy

adaptando-se ao corpo da mulher, normalmente sem grandes volumes. Com o twist e o rock & roll, as mini-sais tornaram-se mais rodadas e nos anos 80 eram muito frequentemente usadas como nos mostraram Madonna e Cyndi Lauper.

Hoje em dia, com o regresso do estilo retro a mini-saia está bastante em voga e é cada vez mais vista na rua, principalmente no Verão, mas também no Inverno, com collants ou leggings quer se trate de saia ou de vestidos ou túnicas.

Amada por muitos, mas usada por poucas, a mini-saia cativa olhares por onde quer que passe e é um símbolo de sensualidade e ousadia. «

o bikini PERFEITO

por Sara Vieira

Com a chegada do bom tempo encontrar o bikini ou fato de banho perfeito torna-se imperativo para estarmos bem e, principalmente, nos sentirmos bem! Qualquer pessoa pode encontrar o fato de banho perfeito desde que este seja adequado para o nosso tipo de corpo, ou seja, enalteça os nossos melhores atributos e esconda aquelas partes que mais nos preocupam! São várias as preocupações que nos surgem no momento de comprar um fato de banho – disfarçar aqui, esconder ali... - e é por isso mesmo que, nesta edição da revista RTRO, vamos percorrer essas mesmas preocupações e sugerir algumas soluções simples e práticas de cumprir que prometem preparar qualquer pessoa para o Verão!

DISFARCAR ANCAS LARGAS

Para disfarçar umas ancas mais largas devemos optar por uma peça mais composta, proporcional em relação à área que se pretende disfarçar.

Além disso, é importante fugir de peças com enfeites ou aplicações nas zonas laterais pois acrescentam volume e tornam as ancas ainda mais largas visualmente!





AUMENTAR O PEITO

Para um peito mais pequeno existem várias soluções que nos ajudam a alcançar um visual mais composto e proporcional em relação ao resto do corpo.

Procurar um bikini almofadado é a regra de ouro – esta é uma ótima solução que pode e deve ser complementada com outras como, por exemplo:

- Escolher um bikini com alças mais finas.
- Optar por padrões em vez de cores sólidas.
- Procurar aplicações e enfeites que acrescentem volume!

CRIAR CURVAS

Para um corpo que precisa de mais curvas o trikini ou fato de banho aberto lateralmente são ótimas escolhas uma vez que criam a ilusão de um corpo mais curvilíneo!



EMAGRECER

Para disfarçar a barriga ou alongar a figura, fatos de banho com cintura definida ou ainda com aplicações ou riscas verticais resultam muito bem uma vez que tornam a figura mais esguia e elegante, visualmente.



DISFARÇAR UM PEITO GRANDE

Para pessoas com o peito maior o biquini perfeito passa inevitavelmente por ter alças mais largas (proporcionais ao tamanho do peito) e um bom suporte mas sem almofada!

Além disso, cores sólidas e tecidos lisos são a melhor opção para disfarçar o tamanho do peito e por isso, padrões e aplicações (como drapeados) devem ser evitados.

Assim, existem algumas regras gerais que não devemos esquecer quando procuramos o biquini perfeito para o Verão:


DISFARÇAR ENALTECER



**CRÍTICA DO
FILME***The Dresscode of Notebook*por **Andreia Mandim**

Um rapaz pobre do campo. Uma rapariga rica da cidade. Ele apaixona-se por ela. E a rapariga acaba por corresponder-lhe. Passam um verão inteiro juntos; amam pela primeira vez; perdem a virgindade; partilham sentimentos e aventuras...Contudo, tudo seria perfeito se não fosse a diferença social que os envolve e os atritos que vão existindo ao longo da história. A paixão juvenil é abalada quando são forçados - Allie Hamilton e Noah Calhoun - a separar-se, pois a rapariga é obrigada, pelos pais, a partir para estudar. Olhando para esta descrição, parece-nos uma típica história de amor cliché, no entanto é muito mais do que um romance comum. É uma história que envolve uma realidade também, a da velhice e a do sofrimento de amar quando depois de tanta luta a nossa cara-metade já não nos reconhece devido a uma doença - o Alzheimer, neste caso. É uma história que passa por muitas épocas, começa em 1940, quando têm apenas 17 anos e estende-se até à contemporaneidade. O que quer dizer que ao longo do filme vários elementos mudam - desde a indumentária aos costumes - ; ao ver o filme percorre-se mesmo sem se dar conta todos esses anos.

Neste sentido, desta vez, decidi escrever mais do que uma crítica puramente cinematográfica. Decidi, olhar para o guarda-roupa propriamente dito que é bastante rico e que dá todo um semblante e sentido indiscutível à época do filme e, em particular, à actriz principal - Rachel McAdams.



Esta primeira imagem foi escolhida por mim, por ser divertida e apelar ao Verão, e por o filme ter imensas cenas tórridas de sexo e de beijos, tendo recebido um prémio até por isso -MTV Movie Awards The Best Kiss. Esta fotografia foi também escolhida pela peça de roupa usada, o biquíni. Nela podemos observar e apreciar o quão diferente era do que hoje em dia conhecemos, não era bem o comum fato-de-banho nem bem o chique triquini; era o início da redução de duas peças já independentes -posteriormente seguiu-se várias modas e tendências como a asa delta, o fio dental, o biquíni brasileiro, entre outros. Ao mesmo tempo era uma roupa sexy, mas o conjunto do acessório que tem na cabeça a combinar com as restantes peças, torna-se naquilo que chamamos de 'cute' (estrangeirismo).



Este vestido também é qualquer coisa, a cor é semelhante ao do modelo anterior, mas o estilo parecido com o vestuário que hoje em dia poderíamos usar. Os botões de lado, o facto de ser curto, cintado e diferente, tudo isto faz com que tenha um duplo efeito, tal como o biquíni, é sexy e 'cute' ao mesmo tempo. Quanto à roupa da personagem masculina é simples e descontraída - camisa e calções, dão a aura da época ao filme.

Adoro também esta roupa, porque é a roupa que Rachel usa na cena em que dançam. É simples, mas nota-se perfeitamente a diferença entre a roupa dele e a dela, para não falar na boina que já é característica da personagem de Noah. Assim como dos sapatos de plataforma de Allie. Os tons quentes como o vermelho e os padrões também são uma constante no vestuário do filme.





Esta também é uma das mais conhecidas, dá-lhe um ar mais pesado devido às cores mais fortes, escuras e tristes. Mas o conjunto de acessórios – luvas, mala, 'chapéu' e broches – são cuidadosamente bem pensados para acreditarem a personagem.



Nesta vê-se muito pouco as roupas, mas dá perfeitamente para perceber o quão curtas eram. Assim como o detalhe do sapato e da blusa muito juvenis a contrastar com o ousado. Assim como do cabelo mais simples, cuja mistura dá origem a uma atmosfera perfeita de um amor de Verão.

Eu gostava de ter mostrado também outras peças, que achei extraordinárias, todavia não encontrei as imagens. Mas finalizo com a cena em que já são idosos, correspondendo respectivamente à contemporaneidade. Onde é possível perceber a diferença na indumentária com a dos tempos em que eram jovens – de 1940 a 2004-, período que é narrado pelo protagonista a partir do seu diário, que tem cerca de 365 cartas que escreveu na ausência da amada, diário esse que relata a história da sua paixão, que bem poderia ser a nossa! «





The Bloody Beetroots

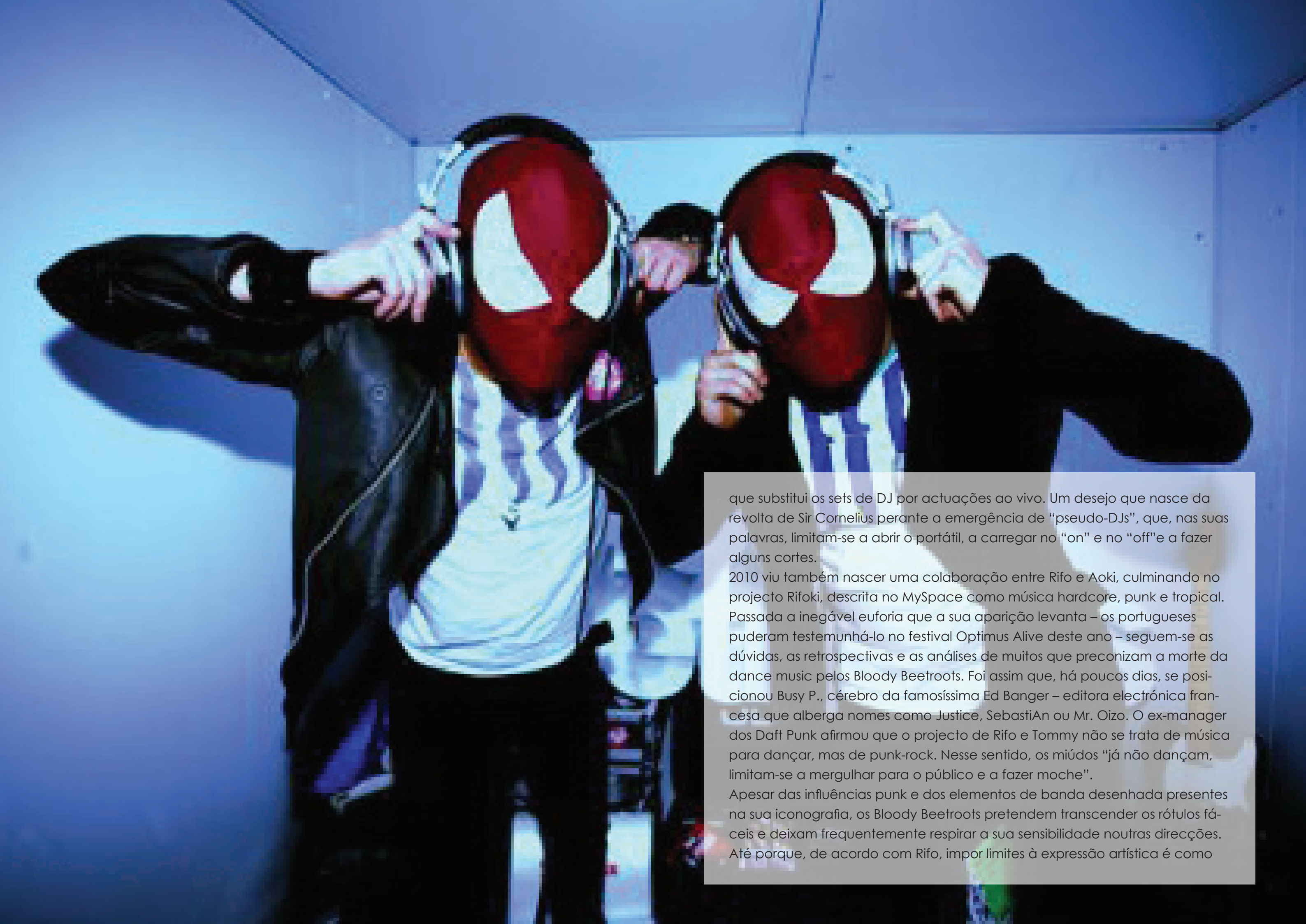
por Margarida Cunha

CAOS COM RAÍZES,
ARTE SEM LIMITES

Batman, Homem-Aranha, Super-Homem, Homem de Ferro. O imaginário colectivo popular habituou-se a ser brindado, com alguma frequência, com estas personagens, últimos redutos da nossa admiração pelas boas qualidades do Homem, personificações da esperança que já nem em nós temos. Outras personagens há que, pelo seu inegável fascínio, nos atraem para uma espiral de caos, escondem-se atrás da máscara do desconhecido e libertam-se dos constrangimentos das catalogações, adoptando confortavelmente o papel de anti-heróis. Entram os The Bloody Beetroots. Formados em 2006 na cidade italiana de Vicenza, a dupla Bob Rifo – sob o nome artístico Sir Bob Cornelius Rifo – e Tommy Tea apareceu na cena electrónica devido a “Cornelius”. Tratava-se de um EP acompanhado de um vídeo estilo Justice – contém Rifo, festas de electro, bebedeiras e, obviamente, cenas lésbicas – e de uma t-shirt de edição limitada. Seguiram-se os remixes – mais de 45 em 3 anos – e, finalmente, o único álbum até à data, “Romborama”, em 2009. Pelo meio, viram algumas faixas acederem à cultura pop através da sua inclusão em videojogos ou no CSI Miami. Representados desde 2007 pela editora Dim Mak de Steve Aoki, foi com este produtor e DJ que lançaram a icónica “Warp 1.9”, que ainda hoje marca presença em qualquer festa de electro. Tão características como as suas tendências para o electro-punk, indie e electro-house são as máscaras da personagem de banda desenhada Venom, que os acompanham quer em actuações, quer em produções fotográficas. Se a familiaridade do percurso até agora é evidente, deve referir-se que as semelhanças com outros artistas electrónicos acabam aqui. Seguindo a filosofia de Rifo – que aponta os Bloody como “um projecto em constante evolução, uma ideia anárquica que recusa a imposição de limites” – formaram, este ano, a Death Crew 77, uma banda de punk hardcore



que substitui os sets de DJ por actuações ao vivo. Um desejo que nasce da revolta de Sir Cornelius perante a emergência de “pseudo-DJs”, que, nas suas palavras, limitam-se a abrir o portátil, a carregar no “on” e no “off” e a fazer alguns cortes. 2010 viu também nascer uma colaboração entre Rifo e Aoki, culminando no projecto Rifoki, descrita no MySpace como música hardcore, punk e tropical. Passada a inegável euforia que a sua aparição levanta – os portugueses puderam testemunhá-lo no festival Optimus Alive deste ano – seguem-se as dúvidas, as retrospectivas e as análises de muitos que preconizam a morte da dance music pelos Bloody Beetroots. Foi assim que, há poucos dias, se posicionou Busy P., cérebro da famosíssima Ed Banger – editora electrónica francesa que alberga nomes como Justice, SebastiAn ou Mr. Oizo. O ex-manager dos Daft Punk afirmou que o projecto de Rifo e Tommy não se trata de música para dançar, mas de punk-rock. Nesse sentido, os miúdos “já não dançam, limitam-se a mergulhar para o público e a fazer moche”. Apesar das influências punk e dos elementos de banda desenhada presentes na sua iconografia, os Bloody Beetroots pretendem transcender os rótulos fáceis e deixam frequentemente respirar a sua sensibilidade noutras direcções. Até porque, de acordo com Rifo, impor limites à expressão artística é como sustentar uma espada de Dâmocles sobre a própria criatividade. Não é, assim, de estranhar que esteja envolvido na encenação da ópera “Burnin’ Enima”, cuja descrição inclui referências à arte performativa, à anti-arte e ao surrealismo, bem como a tópicos anarco-políticos dos anos 60. Gosto pela teatralidade que é igualmente visível no vídeo “Domino”, uma curta-metragem criada na atmosfera nazi. Prolíficos na sua versatilidade, os Bloody Beetroots viram o seu caos criativo virar-se contra si na blogosfera e nas redes sociais, onde lhes é frequentemente apontado o facto de saturarem o público com as suas repetidas aparições e constantes remixes e produções. Posições desfavoráveis a que não está alheio o desastre ocorrido no festival Creamfields, numa actuação pausada por imensas falhas técnicas e que levou o grupo a organizar um concerto gratuito para 500 pessoas.



que substitui os sets de DJ por actuações ao vivo. Um desejo que nasce da revolta de Sir Cornelius perante a emergência de “pseudo-DJs”, que, nas suas palavras, limitam-se a abrir o portátil, a carregar no “on” e no “off” e a fazer alguns cortes.

2010 viu também nascer uma colaboração entre Rifo e Aoki, culminando no projecto Rifoki, descrita no MySpace como música hardcore, punk e tropical. Passada a inegável euforia que a sua aparição levanta – os portugueses puderam testemunhá-lo no festival Optimus Alive deste ano – seguem-se as dúvidas, as retrospectivas e as análises de muitos que preconizam a morte da dance music pelos Bloody Beetroots. Foi assim que, há poucos dias, se posicionou Busy P., cérebro da famosíssima Ed Banger – editora electrónica francesa que alberga nomes como Justice, SebastiAn ou Mr. Oizo. O ex-manager dos Daft Punk afirmou que o projecto de Rifo e Tommy não se trata de música para dançar, mas de punk-rock. Nesse sentido, os miúdos “já não dançam, limitam-se a mergulhar para o público e a fazer moche”.

Apesar das influências punk e dos elementos de banda desenhada presentes na sua iconografia, os Bloody Beetroots pretendem transcender os rótulos fáceis e deixam frequentemente respirar a sua sensibilidade noutras direcções. Até porque, de acordo com Rifo, impor limites à expressão artística é como

suster uma espada de Dâmocles sobre a própria criatividade. Não é, assim, de estranhar que esteja envolvido na encenação da ópera “Burnin’ Enima”, cuja descrição inclui referências à arte performativa, à anti-arte e ao surrealismo, bem como a tópicos anarco-políticos dos anos 60. Gosto pela teatralidade que é igualmente visível no vídeo “Domino”, uma curta-metragem criada na atmosfera nazi.

Prolíficos na sua versatilidade, os Bloody Beetroots viram o seu caos criativo virar-se contra si na blogosfera e nas redes sociais, onde lhes é frequentemente apontado o facto de saturarem o público com as suas repetidas aparições e constantes remixes e produções. Posições desfavoráveis a que não está alheio o desastre ocorrido no festival Creamfields, numa actuação pautada por imensas falhas técnicas e que levou o grupo a organizar um concerto gratuito para 500 pessoas.

Apenas à História compete avaliar a condição de cada ser humano. Apenas ao povo cabe a tarefa de definir os seus heróis e os seus vilões. Aos Bloody Beetroots resta-lhes seguir o seu “Manifesto”: correr mais rápido do que o sistema e perseverar no seu objectivo de formar uma comunidade de mentes livres e independentes. Porque, bons ou maus, todos usamos máscaras. «



Ondas DE IMAGINAÇÃO

por **Marie Hochadel**

Fotografia: **Mário Meireles**

Modelo: **Samuel Machado e Ana Isa Meireles**

Caroline sentia-se cansada. Decidira fugir da grande cidade e arranjar uma pequena casa numa praia deserta, onde pudesse descansar e trabalhar sem o telefone constantemente a tocar.

O sucesso ganho como designer de moda depressa desaparecera. Nunca mais tivera tempo para fazer as suas roupas com todo o amor, criar tendências sem pressas. Agora era sempre a correr. Clientes que pediam centenas de peças todos os dias, a empresa que a pressionava com a nova colecção. Cansara-se e dissera basta. A partir de daí, trabalharia quando quisesse e voltaria a sentir a felicidade que antes sentia de pregar um botão num casaco ou ao cozer a alça num vestido.

O tempo naquela aldeia piscatória passava devagar e o barulho das ondas que ouvia na sua casa eram como uma bonita sinfonia aos seus ouvidos. De resto, silêncio e como ela amava o silêncio.

Todos os dias, via o pôr-do-sol da varanda do seu quarto. Todos os dias observava os velhos pescadores que recolhiam as redes do mar e que puxavam os seus pequenos barcos para a praia. Mas naquele dia viu

algo mais. Ele pegava numa bonita prancha de surf depois de ter vestido o fato. Dirigia-se para o mar. Lá, aos olhos de Caroline, dançava sob as ondas, deslizando com uma bonita suavidade.

Caroline pegara, nessa noite, no caderno de esboços, sentindo-se inspirada. Imaginou as ondas que passavam por debaixo da prancha e desenhou. Sentiu-se satisfeita com o trabalho dessa noite.

No dia seguinte, como habitual, voltou à varanda e voltou a vê-lo. Vestia de novo o fato de surf. Caroline pode-lhe ver os abdominais bem definidos e o bonito tom moreno da sua pele. Pegou numa túnica e no seu caderno e desceu à praia. Sentou-se na areia, à beira-mar, e observou-o na sua dança diária com as ondas. Olhou para a água. Azul com uma pequena pitada de verde. Anotou no caderno e reparou na espuma branca que as ondas produziam e como as cores combinavam.

O surfista voltara à praia e agora era a vez dele a observar a ela. Os seus olhos verdes encontraram os azuis de Caroline. Olhou-a de cima a baixo e ela corou. Ela observou-o igualmente, vendo-lhe o fato justo ao corpo... Suspirou. Pegou nas suas





coisas e voltou para casa. Durante a noite, Caroline trabalhou sem cessar, desenhou dezenas de modelos e por fim, quando o sol já nascia, adormeceu. Acordou e voltou para a praia. O surfista não voltou mais nesse dia nem nos seguintes. Voltou para a cidade e para a habitual azafama bem característica dela. Durante os meses seguintes, Caroline e a sua equipa, confeccionaram a nova colecção. Apresentaram-na a medo. Mas a crítica, de novo, a aclamara e voltou a brilhar pelas passerelles de todo o mundo. Voltara a ser respeitada no mundo da moda e com isso ganhara de novo o total controlo do seu precioso tempo. Mais tarde, enquanto lia as críticas positivas que se escreviam por todo o mundo sobre ela, Caroline lembrou-se como nessas semanas trabalhara mais do que em meses. Tudo devido ao mar, ao silêncio e a um belo e desconhecido surfista. «

BOTÕES EM *casas de flor*

por **Gustavo Stevanato**
(S. Paulo, Brasil)

Fotografia: **Gustavo Stevanato**
Modelo: **Daniela Swidrak**

COMO A SUSTENTABILIDADE E O ECODESIGN ENTRARAM
NA MODA E, VIRARAM TENDÊNCIAS NA PRODUÇÃO E
COMPOSIÇÃO DE 'RE-OBJETOS DE CONSUMO'.



A moda é cíclica, mas a volta na passarela foi mais curta este ano. O 'noventismo' que chega à temporada dá extrema atenção a essência dos materiais, ao trabalho puro das formas e, transformam os tecidos, nos elementos mais importantes – e, claro, 'menos em mais'. Mas mesmo que a moda mostre ter passado bem pelos exageros da estação anterior até aqui, ainda que se vá e volte tantas vezes pela a passarela, se acaba deixando algumas coisas para trás – e principalmente de lado. Não se trata aqui de saltos altíssimos, calças skinnys ou cintura alta e ombreiras; mas tecelagem, tingimento, transformação, logística, distribuição e outras atividades que compõe uma série de processos que geram os mais diversos resíduos que ficam pelo caminho de uma indústria, que têm como peça-chave do seu desfile, o consumo. Mas há alguns ciclos, diga-se, esta 'moça' tem andado diferente.

E não se trata de uma tendência nova. Desde a edição Outono/Inverno '07 a São Paulo Fashion Week colocou seu foco na questão ambiental, ao combinar roupas da temporada com idéias de preservação e consumo consciente dos recursos naturais. E estes modelitos têm se espalhado pelas marcas e Semanas de Moda desde então, a criar novas idéias no ramo. O uso de matérias-primas ecologicamente corretas, a produção de baixo impacto ao meio ambiente e a criação de projetos sociais fizeram com que o conceito de sustentabilidade assumisse presencialmente seu cabide entre as araras.

Um dos pontos altos desse novo guarda-roupa da moda é o Cantão. A marca carioca que desde 2005 possuía uma linha verde – que usava materiais como algodão orgânico – intensificou esse tom na sua paleta de coleções, ao criar em 2007, o 'Reciclagem Cantão'. Richard Yates, Gerente de Marketing da marca, explica que o projeto foi criado sob uma 'maneira simples, alegre e autêntica' de tratar a sustentabilidade, sem





drama ou abordagens trágicas em voga. " A marca Cantão é alegre, viva, colorida e nós fazemos parte de uma indústria têxtil, que é poluente, então, por que não começarmos a nos preocupar em dar soluções diferentes à área e, um novo uso para as nossas sobras têxteis e de visual merchandising?"

O projeto tem ações invejáveis em seu casting. Materiais descartados como tecidos, resíduos da produção e embalagens são reformulados para virarem novos produtos. No Fashion Rio Primavera/Verão 2009, duas toneladas de moído de borracha, excedente da produção de sandálias, foram transformadas em cenário para a passarela no desfile da marca - o mesmo material foi reutilizado, a posteriori, na ambientação das lojas Cantão. Em outro desfile, sobras de tecido de coleções passadas e vitrines 'banners' de pontos de venda foram utilizadas na confecção de almofadas e bolsas ecológicas. "Entendo nossos projetos como uma obrigação. Quando pensamos em mudanças e aprimoramentos para o projeto, para linha verde ou para uma ação específica ligada à sustentabilidade, pensamos como uma marca nacional e sob difusão" reforça Yates.

E essas 'peças-conceito' não poderiam ter entrado à moda com melhor caimento. Essa silhueta ambientalista molda a consciência do público e as atitudes da sociedade como um todo. "Agregando sustentabilidade aos objetos de consumo, que é o que as pessoas usam e têm contato, podem-se repassar esses conceitos mais facilmente ao público" é o que percebe Carla Costa, Coordenadora do Curso de Moda e Estilismo do SENAC – Bauru.

Mas ainda que a estampa ecológica seja bonita, existem certas resistências de continuar 'ativista' com os preços na etiqueta. Segundo Costa, apesar das dificuldades de custo e design para manter o meio-ambiente sob a pas-

sarela ou nas vitrines, "a sustentabilidade está presente em todas as classes consumidoras de moda; temos materiais reciclados desenvolvidos sob alta tecnologia, sim, mas também materiais artesanais disponíveis em valores mais acessíveis – e muitas novidades: malha de garrafa pet, tecido de bituca de cigarro, ecobags, pulseira de papelão, entre outros. A crise econômica acaba por ser um fator independente da sustentabilidade".

E para essas idéias existem muito mais que apenas pano para manga. Tecido de malharia, fibra do caule e do tronco da bananeira, palha de taboa, lã e vinil usado são alguns materiais que o Laboratório de Design Solidário da UNESP-Bauru, o Labsol, trabalha para desenvolver produtos e técnicas ecologicamente apropriadas em parceria com comunidades de artesãos. "Nós trabalhamos com uma série de produtos que são acessórios, como brincos, bolsas, tiaras, cachecóis, carteiras, arranjos para cabelo e outros - sempre utilizando resíduos", afirma Claudio Roberto y Goya, professor doutor do Departamento de Desenho Industrial da UNESP-Bauru e responsável pelo projeto.

O projeto criado em 2007, fez as linhas do design e sustentabilidade às comunidades produtoras, a fim de dar acabamento e valor às criações. Mas ainda que não tenham croquis freqüentes do fashion design em suas ações, o 'verde' continua a vestir qualquer peça. "Independente da comunidade e dos produtos, nós tentamos sempre procurar soluções que tenham menos impacto no meio-ambiente e, partimos sempre do aproveitamento do resíduo, esse é o nosso principal trabalho e ligação com o ecodesign". «



Driving through Summer!

por Mariana Santos

CAROS LEITORES DA RTRO AQUI FICA O DESEJO DE UMAS FÉRIAS CHEIAS, DE SOL E CALOR E MUITO BOM GOSTO!

PARA ISSO SELECCIONAMOS ESTA PLAYLIST QUE VOS PODERÁ AJUDAR E ESCOLHEMOS ALGUNS OUTFITS QUE PODEM ACOMPANHAR AS NOSSAS ESCOLHAS MUSICAIS.

Talking Heads - Road To Nowhere

Suede – Beautiful Ones

Com Iggy Pop visitamos o estilo punk misturado com rock 'n' roll onde os casacos de cabedal e as botas militares não faltam e se fundem com peças bastante sensuais, como o nome da canção nos pede.



Teen Age Riot leva-nos para a controvérsia dos anos 90 e para um estilo que só pode ser considerado como alternativo. As várias misturas neste conjunto remetem-nos um aglomerado de tendências.

The Misfits – Last Caress

Led Zeppelin - Heartbreaker

The B-52's - Rock Lobster

A loucura dos B-52's inspirou-nos na escolha deste visual bem ousado inspirado no estilo pin-up como os sapatos não negam, e tanto vermelho só pode ser uma provocação para o usarem.



Devo - Whip It

Eagles Of Death Metal - I Want You So Hard (Boy's Bad News)

The Doors - Roadhouse Blues

Them Crooked Vultures - Elephants



Este visual adapta-se a YYY mas poderia também adaptar-se a Justice, MGMT ou Klaxosn, pois encontramos alguns traços do indie-electrónico bem em voga na cena musical actual.

Yeah Yeah Yeahs - Y-Control

rtro.magazine
O clima é vintage. o visual é retro.

rtro.wordpress.com

Editora-chefe

Catarina Oliveira

Redactores

Margarida Cunha

Adriana Couto

Sara Vieira

Catarina Oliveira

Andreia Mandim

Gustavo Stevanato

Mariana Santos

Catarina Ferreira

Joana Santos de Oliveira

Marie Hochadel

Fotografia

Catarina Oliveira

João Couto

Mário Meireles

Modelos

Joana Santos de Oliveira

Samuel Machado

Ana Isa Meireles

Paginação

Luís Costa

Apoios

Zara Pinto-Coelho

Gabriela Gama